



Comunicação, Televisão e Jornalismo: O discurso do Programa Documento Especial – Televisão Verdade na edição “Delírio na Madrugada”¹

Carlos Alberto Garcia BIERNATH²
Marcelo da SILVA³
Universidade Sagrado Coração, Bauru, SP

RESUMO

Em virtude das transformações ocorridas nas tecnologias e nos estudos das comunicações ao longo das últimas décadas, o fazer jornalismo tem buscado adequar-se às novas demandas do mercado e da sociedade. É perceptível a diferença do fazer jornalismo do final da década de 80 do século passado com o jornalismo praticado hoje em dia, dada sua constante atualização, já que procura atender aos ensejos da sociedade em rede – ávida por informações novas e atualizadas. Assim, este trabalho revisitará o formato jornalístico empregado no programa Documento Especial, por meio das premissas básicas da comunicação, da evolução tecnológica da televisão e do próprio jornalismo, baseada no campo teórico-metodológico da análise discursiva de tradição francesa ao analisar a edição “Delírios da Madrugada” à luz dos seguintes elementos: polissemia, formação discursiva, polifonia e enunciação.

PALAVRAS-CHAVE: Televisão; Jornalismo; Comunicação; Análise de Discurso; Documento Especial.

1 – Comunicação e Informação: problematizações teórico-empíricas

Querer comunicar significa querer transmitir uma mensagem a alguém ou a algumas pessoas. Há três motivos que estimulam a pessoa a querer comunicar uma determinada mensagem, de acordo com Wolton:

Primeiramente *compartilhar*. Cada um tenta se comunicar para compartilhar, trocar. É uma necessidade humana fundamental e incontornável. Viver é se comunicar e realizar trocas com os outros do modo mais frequente e autêntico possível. Depois vem a sedução, que é inerente a todas as relações humanas e sociais. Enfim, *a convicção*, ligada a todas as lógicas de argumentação utilizadas para explicar e responder a objeções. (WOLTON, 2011, p. 17).

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Sagrado Coração – Bauru, e-mail: betobiernath@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Sagrado Coração – Bauru, Doutorando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Bolsista Capes, email: marcelo.silva@usc.br.



Estudar a comunicação é de crucial importância no que tange ao direito e à liberdade do homem em questões que envolvem sua participação efetiva junto à sociedade e sobre como seu comportamento pode ser (e)ditado pelos meios de comunicação.

No estudo das teorias da comunicação, destacamos aqui a teoria do agendamento, que traz a premissa de que a mídia é quem impõe os assuntos que irão ao conhecimento das pessoas, algumas vezes ofuscando um determinado fato, e, em contrapartida, omitindo muitos outros.

Tão proliferada em redes sociais, as mensagens que questionam a imagem que os meios de comunicação passam no mundo, podem ser sintetizadas como objeto de estudo primordial do *newsmaking*. Duas perguntas definem bem o âmbito da teoria: “Qual imagem do mundo passam os noticiários radiotelevisivos? Como essa imagem se correlaciona com as exigências cotidianas da produção de notícias nas organizações radiotelevisivas?”. (GOLDING-ELLIOTT, 1979, p. 1 apud WOLF, 2012, p. 193). Ademais, a teoria também procura entender a cultura profissional dos jornalistas; a organização do trabalho e dos processos de produção. É na teoria do *newsmaking* que emerge o estudo de noticiabilidade e valores-notícia. Dentre os valores-notícia, destacamos aqui a morte⁴ e o inesperado⁵, valores estes observados em algumas edições do programa estudado.

Noticiabilidade é definida como o “conjunto de elementos por meio dos quais o aparato informativo controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimento que servirão de base para a seleção das notícias”. (WOLF, 2012, p. 202). Valores-notícia, em sua essência, podem ser entendidos como o conjunto de fatores que levará um fato a ser considerado bom o suficiente para virar notícia. Esses critérios são variados e envolvem diversos fatores, estando quase sempre interligados.

2 – Televisão: Breves aspectos históricos

Na esfera midiática, como lembra Marcondes Filhos (1994), a televisão não trouxe somente mudanças na maneira de transmitir acontecimentos e relatos, mas também foi responsável por uma verdadeira transformação no ‘fazer’, sobretudo na narrativa, na qual

⁴ Este talvez tenha sido o valor-notícia mais utilizado na edição “O país da impunidade”, na qual o programa, como já mencionado neste trabalho, ligou a corrupção imperante no país naquele ano de 1992 com a impunidade presente aos responsáveis por tragédias que levaram inúmeras pessoas a óbito.

⁵ Este também é um valor-notícia utilizado pelo Documento Especial – Televisão Verdade. Na edição “Delírio na madrugada”, o programa traz à tona a atividade noturna do transformista Laura de Vison, que faz shows em uma boate carioca, mas que durante o dia dá aulas em uma escola estadual.



é possível observar uma sensível mudança naquilo que estávamos habituados a ver no cinema. Contudo, esse contato aproximado com a televisão pode isolar completamente as pessoas, alienando-as da realidade.

Vendo apresentadores, cenas, entrevistas, elas têm a ilusão de participarem do ambiente. Essa presença, contudo, é apenas *imaginária*, só existe na cabeça do telespectador. Na realidade, ele está muito só, embora sua solidão seja bastante diferente da solidão propriamente dita – a solidão existencial. (MARCONDES FILHO, 1988, p. 9).

Com a propagação da televisão nos anos subsequentes à Segunda Guerra Mundial⁶ – que a tornou um veículo de comunicação de massa – criou-se uma verdadeira ‘galáxia’⁷ que interligou os telespectadores ao redor do mundo. Castells (1999) coloca que um dos fatores predominantes da TV foi o fim da Galáxia de Gutemberg⁸, que encerrou um sistema de comunicação essencialmente dominado pela mente tipográfica e pelo alfabeto fonético⁹.

O Brasil foi um dos cinco primeiros países do mundo a contar com a televisão e o primeiro da América Latina. Antes disso, a televisão já havia chegado à Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha e Holanda.

Ainda sem um público fiel, por conta da sua recém-chegada ao país, os profissionais que trabalhavam na televisão viam-se ainda sem uma referência para seguir no que tange à produção de programas e atrações para a televisão. Como neste princípio de funcionamento o público que acompanhava a televisão era majoritariamente elitizado – segundo Federico (1982, p. 82), em 1951 um aparelho receptor custava nove cruzeiros – os produtores dos programas televisivos decidiram apostar em produtos que copiassem a fórmula utilizada no rádio. De tal modo, na televisão não havia uma preocupação consciente na experimentação de novos produtos; o que era feito não passava de adaptações rudimentares do que havia em outros veículos.

Aos poucos e com uma maior adaptação de seus profissionais, a televisão foi conquistando seu espaço e popularidade, no período que ficou marcado pela pequena detenção majoritária de audiência que a TV Tupi, canal 4, de São Paulo, vinha

⁶ Conflito militar de proporções globais que durou de 1939 a 1945, envolvendo a maioria das nações do mundo divididas em duas alianças militares opostas: os Aliados e o Eixo.

⁷ Termo criado por Marshall McLuhan (1964), investigador da chamada Escola de Toronto.

⁸ Gutenberg foi o responsável pelo aperfeiçoamento da prensa tipográfica, premissa básica para o desenvolvimento da imprensa.

⁹ Castells (1999) apud McLuhan (1962).



conquistando. Já em meados da década de 60, alguns avanços puderam ser notados, com o crescimento de novas emissoras, representando assim, a primeira disputa pela audiência. Ainda nesse período destacam-se a TV Record, canal 7 de São Paulo, que conquistara mais espaço, e a TV Excelsior, canal 9 também em São Paulo, que recebera grandes investimentos que resultaram em sua liderança de audiência. Somente na década de 70 é que esse cenário se alteraria, com o crescimento vertiginoso da TV Globo, que assumira a liderança absoluta de audiência, principalmente por conta de sua tecnologia moderna.

Na década de 80, houve uma grande transformação na relação entre a televisão e os espectadores. Aqui, a televisão já se colocou como total dominadora no mercado de informações, modificando sua relação com seu público e a forma de produzir programas. A televisão desta época ganhou fragmentação, dispersão e atomização do controle do sistema televisivo. E aí, há uma importante inversão de valores: se antes a televisão espelhava a realidade das pessoas, hoje ocorre o oposto, segundo Kroker (apud MARCONDES FILHO, 1994, p. 35): “Na cultura pós-moderna, não é a tevê que é o espelho da sociedade, mas exatamente o contrário: é a sociedade que é o espelho da tevê”.

Destarte, consideramos a televisão um veículo como signo ideológico por apresentar cenas que revelam os dramas do mundo, os conflitos de palavra entre o poder político e o poder civil e aquelas em que há a palavra da intimidade, com efeito de catarse para a audiência, através dos telejornais por meio de reportagens, entrevistas e debates. No programa estudado neste trabalho – o “Documento Especial – Televisão Verdade” – há exhibições explícitas de corpos nus, o que talvez indique um apelo ao erotismo e à sexualidade, sem qualquer censura por parte da emissora que o exhibe, a TV Manchete. Para Marcondes Filho (1988, p. 97), o erotismo na televisão pode ser caracterizado de duas formas: uma é a exibição de pessoas que fazem movimentos relacionados diretamente ao erotismo, através de dança, quando desfilam seminuas ou em poses provocantes; a outra é quando há a sexualização direta dos objetos e de algumas partes do corpo, simbolizando a sexualidade em seus atos. Isso envolve lábios, mãos, pernas, entre outras partes do corpo humano.

3 – Jornalismo: Aspectos Conceituais

Se a atividade jornalística deveria responder às perguntas implícitas no *lead* e transcorrer o texto conforme as observações do repórter, também pode(ria) ter como objetivo trazer a informação em sua “essência”, sem nenhum tipo de trato ‘a mais’ da



mesma. Contudo, contrapondo o conceito de Quarto Poder¹⁰ e da ideia fundamental da teoria democrática, o jornalismo pode sofrer manipulações em seu conteúdo, com propósitos que vão além de uma percepção superficial das notícias quando analisadas a olho nu.

Nesse sentido, questionam-se algumas informações sob um prisma que abrange a veracidade delas, se realmente correspondem à realidade ou não, tratando-as, de fato, como manipulação.

O principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade. A maior parte do material que a imprensa oferece ao público tem algum tipo de relação com a realidade. Mas essa relação é indireta. É uma referência indireta à realidade, mas que distorce a realidade. (ABRAMO, 2003, p. 23).

Patrick Charaudeau (2012) traz um ponto de vista distinto com relação à manipulação. Para ele, por mais que esta manipulação exista e não seja proposital, a própria mídia acaba se tornando vítima desse jogo:

Não se pode dizer que os primeiros (as mídias) tenham a vontade de enganar os demais (os cidadãos), nem que estes engulam todas as informações que lhes são dadas sem nenhum espírito crítico. A coisa é bem mais sutil, e diremos, para encurtar, que as mídias manipulam de uma maneira que nem sempre é proposital, ao se automanipularem, e, muitas vezes, são elas próprias vítimas de manipulações de instâncias exteriores. (CHARAUDEAU, 2012, p. 252).

Analisar a objetividade no jornalismo implica evidenciar suas premissas básicas: na atividade jornalística, entendemos que o fazer jornalismo deve ser honesto, neutro e imparcial. Este, quiçá, seja o lema de várias empresas e produtos jornalísticos. Porém, analisando o que aí está, será que essas diretrizes da objetividade são seguidas de fato? Abramo (2003) situa que os termos que compõe a objetividade estão relacionados ao agir, ao fazer, referindo-se a características inerentes ao moralismo. Nessa análise, é preciso ressaltar a ideia de que o jornalismo não é imparcial e nem deveria ser, pois é preciso, por exemplo, tomar um determinado ponto para iniciar um relato, o que já encerraria essa total imparcialidade.

[...] é desejável, para um jornalista, para um órgão de comunicação, uma postura de *neutralidade, imparcialidade ou isenção*, no lugar de seu contrário, isto é, a tomada de posição? Na medida em que o jornalismo

¹⁰ Na esteira desse pensamento do Quarto Poder, o Documento Especial – Televisão Verdade pode ser considerado como um representante deste conceito já que trazia à tona as denúncias de crimes que ficaram impunes, como ocorrido na já mencionada edição “O país da impunidade”.

tem de tratar do mundo real, “natural” ou “histórico”, e que esse mundo real é repleto de contradições reais, de conflitos, de antagonismos e de lutas, o que significa realmente *ser neutro, imparcial ou isento*? “Neutro” a favor de quem, num conflito de classes? “Imparcial” contra quem, distante de uma greve, da votação de uma Constituição? “Isento” para que lado, num desastre atômico ou num escândalo administrativo? (ABRAMO, 2003, p. 38).

Assim, a realidade observada em textos jornalísticos pode projetar uma imagem que, se analisada mais amplamente, destoará o conteúdo dos textos com o objeto às quais se referem:

[...] o texto jornalístico mantém relações com a realidade, mas constrói jornalisticamente um mundo que o leitor pode confundir como sendo o mundo extra-mental. Na verdade, o jornalismo apresenta aos leitores um tratamento da realidade, mas que pode ser confundido com um retrato do mundo. (SILVA, 2006, p. 15).

É neste *modus-operandi* que a máquina midiática mantém a realidade construída à linha de sua verdade jornalística, também integrante do discurso midiático como efeito deste. Nos discursos das mídias, a verdade constituída confere relevância ao conteúdo, podendo ser mais facilmente aceita pelo receptor. Para entender como essa verdade pode ser composta, é necessário entender – sob o prisma discursivo – as diferenças entre *valor de verdade* e *efeito de verdade*.

Para Charaudeau (2012), *valor de verdade* é o conceito que coloca esta verdade como algo intrínseco à boa oratória e às técnicas de saber dizer e definir paradigmas do mundo, assim construindo uma verdade. Desta forma, a verdade seria cunhada através de um conjunto de técnicas objetivas utilizadas para relatar algo que seja encarado como uma legítima verdade.

Por outro lado, e ainda na coxia de Charaudeau (2012), *efeito de verdade* está mais ligado à subjetividade e à convicção do sujeito acerca de determinado assunto ou fato. O *efeito de verdade* tem sua essência imbricada à credibilidade de seu conteúdo, pois poderá ser considerado como algo legítimo por seu teor crível.

Deste modo, as mídias fazem uso do *valor de verdade* e do *efeito de verdade* ao sabor de seu destino:

O discurso de informação modula-os segundo as supostas razões pelas quais uma informação é transmitida (por que informar?), segundo os traços psicológicos e sociais daquele que dá a informação (quem informa?) e segundo os meios que o informados aciona para provar sua veracidade (quais são as provas?). (CHARAUDEAU, 2012, p. 50).



Neste contexto, apresentam-se vários tipos de verdades, divididas em três aspectos, segundo Charaudeau (2012): a verdade dos *fatos*, que questiona a autenticidade desses fatos; a verdade da *origem*, que questiona os fundamentos do mundo, do homem e dos valores em geral; e a verdade dos *atos*, que emerge junto à sua realização.

No programa estudado, tais estratégias podem ser observadas em larga escala.

4 – Aspectos Históricos do Documento Especial – Televisão Verdade

Desenvolvido com a ideia de ser uma atração que exibia um lado do Brasil que até então não era apresentado em nenhum outro programa da televisão brasileira, o jornalístico Documento Especial – Televisão Verdade explorava temas popularescos e edições que denunciavam supostas corrupções. Desta forma, o programa trazia um formato jornalístico semelhante ao adotado no consagrado Globo Repórter¹¹, mas com temas polêmicos com imagens consideradas ‘fortes’ e uma linguagem peculiar investida de efeitos de sentido, o que o diferenciava de outros programas do mesmo gênero e formato. Por conta disto, não é exagero dizer que o Documento Especial – Televisão Verdade seja considerado um marco na televisão brasileira, por sua coragem em investigar e exibir temas relacionados ao sexo, tráfico de drogas, travestis, submundo dos guetos, o invisível social.

Em maio de 1992, em meio à grave crise que assolava a Manchete, culminando com a sua venda para o Grupo IBF, Hoineff e a equipe do Documento Especial são contratados pelo SBT¹², mas sem a liberdade que possuíam na Manchete. Prova disto, foi a “censura” que o programa sofreu logo em sua primeira exibição no canal, quando a edição “O país da impunidade”, já mencionada neste trabalho, não pôde ir ao ar. Fica no canal até 1995, quando sai por desavenças entre Nelson Hoineff e Sílvio Santos. Volta ao ar em 1997 pela Rede Bandeirantes¹³, mas com edições pautadas em temáticas distintas às abordadas anteriormente – algo que descaracterizou o programa. Permanece na emissora até 1998, ano em que foi extinto.

¹¹ Programa de cunho jornalístico-documentário exibido na TV Globo desde 1973. Fonte: <http://g1.globo.com/globo-reporter/>, acesso em 22/04/2013.

¹² Rede de televisão fundada em 19 de agosto de 1981 e pertencente ao empresário Sílvio Santos.

¹³ A Rede Bandeirantes foi ao ar pela primeira vez em 13 de maio de 1967 e foi fundada por João Saad. Hoje, é presidida por Johnny Saad, filho do fundador da emissora.



5 – A Análise de Discurso: suporte metodológico

Um conteúdo textual denota uma interação linguística entre os interlocutores de uma determinada situação retratada por um texto; já o discurso será aquele que irá determinar a posição do interlocutor que escreveu o texto inicialmente. Portanto, é possível afirmar que o discurso é o complemento de um texto, já que nele é possível entender qual é a posição de quem produziu este conteúdo textual.

Orlandi (2012, p. 17) citando Pêcheux (1975) coloca que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. Portanto, a Análise de Discurso buscará entender o sentido discursivo, uma vez que para ela não há um simples processo de comunicação realizado entre emissor e receptor na qual a mensagem é transmitida comumente:

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. (ORLANDI, 2012, p. 21).

Na referência que a memória faz a algum detalhe notado na mensagem – como no caso da cor vermelha ser relacionada à esquerda no exemplo citado acima – no discurso, dá-se o nome de interdiscurso:

Esse (o interdiscurso) é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pre-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. (ORLANDI, 2012, p. 31).

Pensando na ideia de que é muito difícil sair da tênue linha entre o mesmo e o diferente no discurso, dois elementos acabam vindo à tona nesse processo: a polissemia e a paráfrase.

Polissemia¹⁴ diz respeito aos vários significados que uma mesma palavra pode ter, dependendo do contexto em que ela está inserida. Já a paráfrase indica a manutenção da mesma mensagem originalmente colocada, mas com outras palavras de um novo autor. Orlandi (2012, p. 36) coloca que: “A paráfrase representa assim, o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado”.

¹⁴ Por exemplo: ‘A manga da minha camisa é curta’: manga, aqui, refere-se a uma parte do tecido da camisa; ‘Suba na árvore e pegue aquela manga’: neste outro exemplo, a palavra manga faz menção à fruta manga. Ou seja, a mesma palavra traz dois significados distintos na língua portuguesa.



Desta forma, através da paráfrase e da polissemia é que a análise discursiva irá discernir o sentido simbólico do sentido político.

Uma das vantagens da AD é poder ressignificar a noção de ideologia com base na consideração da linguagem. Se não há sentido sem interpretação, logo, há a presença de ideologia em todo discurso. Essa ideologia é que produzirá evidências e colocará o homem na relação dele com suas condições materiais de existência.

A partir do momento em que o analista desenvolve seus dispositivos para a análise discursiva, as novas maneiras de ler indicarão que o dizer tem relação com o não dizer, e isto deverá ser aplicado na análise. O. Ducrot (1972) citado por Orlandi (2012, p. 82) coloca que o não-dizer (implícito) pode se dar o pressuposto e o subentendido, separando-os por aquilo que deriva da instância da linguagem (pressuposto) do que se dá em contexto (subentendido).

O não-dito pode ser trabalhado pelo silêncio, que pode representar a “respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido”. (ORLANDI, 2012, p. 83).

Utilizando a Análise de Discurso como procedimento teórico-metodológico, faremos a análise de *corpus* baseada na edição “Delírio na Madrugada”.

6 – Protocolo de análise de discurso do programa Documento Especial – Televisão verdade

No propósito de desenvolver o protocolo que auxiliará na análise discursiva do Documento Especial – Televisão Verdade, trazemos à tona os itens componentes do protocolo teórico-analítico, bem como a definição de cada um deles.

6.2 Objetivos da análise

1. Analisar o conteúdo discursivo do programa estudado a fim de depreender alguns aspectos de sua ideologia;
2. Compreender de que forma é criada a “verdade” jornalística no programa e se esta condiz com seu subtítulo “Televisão Verdade”;
3. Observar os estereótipos (realidade) construídos pelo programa nos atores sociais das reportagens e outros elementos próprios das teorias da comunicação e do jornalismo, além da análise de discurso.



4. Tecer olhares sobre a construção da cena enunciativa nos discursos do programa à luz de conceitos como polifonia, polissemia e subjetividade.

6.3 Limitações da análise

1. Baixa resolução de vídeo e qualidade de áudio das edições do programa disponibilizadas em vídeo (no site *youtube*);
2. Impossibilidade de entrevista com os protagonistas do programa estudado (Nelson Hoineff – Diretor e Roberto Maya – Apresentador);
3. Falta de informações aprofundadas acerca do programa em bibliografia pertinente, periódicos e em websites acadêmicos.

6.4 Análise de corpus

Com a edição “Delírio na Madrugada” pré-selecionada, faremos a análise com base em protocolo pré-estabelecido, lançando algumas considerações ao término deste trabalho.

6.6.1 Contexto sociohistórico

A edição “Delírio na Madrugada” foi produzida no mesmo ano de 1989 em que o Brasil era presidido por José Sarney – vice-presidente que assumiu o cargo após a morte de Tancredo Neves; ano também em que Fernando Collor de Mello ganharia as eleições presidenciais para assumir o cargo máximo da nação em 1990. Também foi o ano em que o Brasil mais sofreu com a inflação.

Em 1982, o Brasil teve seu primeiro caso de AIDS, sendo que nos anos 80 os casos da doença subiram consideravelmente no país. Ainda nos anos 1980, era comum – por falta de informação sobre a doença – relacionar a enfermidade à homossexualidade, sendo que em 1989 o popular cantor Cazuza assumiu ser portador do vírus da AIDS.

No contexto global, o mundo presenciava a chamada “Guerra Fria”, que marcou a série de conflitos de ordem política, militar, tecnológica, econômica, social e ideológica entre a União Soviética e seus aliados e os Estados Unidos e seus aliados, culminando com a desagregação do bloco socialista – representado pela União Soviética e por seus aliados. Em 1989, o Muro de Berlim, que separava as duas Alemanhas foi derrubado. Também foi nesse ano que o presidente da Rússia Mikahail Gorbachev renunciou ao poder.



6.6 Formação Discursiva 1 (FD1): “O transformista Laura de Vison” X O professor Norberto Chucri David

Nesta edição do Documento Especial – Televisão Verdade, é apresentada o travesti e atriz Laura de Vison, que se apresenta à noite em boates cariocas. Logo na abertura da edição há os seguintes dizeres – exibidos sob a cor vermelha como fundo, cor esta, historicamente ligada à esquerda na política, àqueles ‘desfavorecidos’ que lutavam em prol de igualdade: “O programa a seguir contém cenas que podem ser desaconselháveis a crianças ou pessoas muito sensíveis. Dessa maneira, é possível interpretar que no enunciado da edição o próprio Nelson Hoineff já lançava a ideia de que as cenas do travesti poderiam interferir na audiência de acordo com valores-notícia, trazidos por Traquina (2008), tais como: a **notoriedade**, uma vez que Laura de Vison seria a ‘estrela’ da edição, que retrataria seu cotidiano como travesti e como professor de história; a **novidade**, já que, de acordo com o discurso de introdução da edição, o show da transformista “há anos em cartaz, nem sonha em constar de qualquer roteiro cultural da cidade”; e a **polêmica**, representada por meio do modo de vida do travesti e do público de seu show¹⁵.

6.6.2 Sentido: realidade

Voltando à abertura da edição, Roberto Maya, apresentador do programa, diz: “O Documento Especial leva você hoje ao mais marginal dos shows da noite carioca. Há anos em cartaz, ele nem sonha em constar de qualquer roteiro cultural da cidade”. Neste trecho mencionado, há o uso do termo “marginal”, que é um termo polissêmico, ou seja, pode ter vários significados, dentre eles: algo que está à margem ou, nesse caso, que ou quem vive à margem da sociedade, ou mesmo um indivíduo delinquente, que vive à margem das normas éticas; assim, nesse jogo polissêmico, há certa confusão acerca do termo utilizado, pois podemos confundir entre o show do travesti ser algo que vive à margem da sociedade ou, talvez à primeira vista, ligar o termo “marginal” à própria líder do show erótico. Após a fala do apresentador, entra no ar a cena de dois homens se beijando (possivelmente façam parte da plateia do show) e o próprio travesti – com um dos seios de fora – dizendo: “Chega de sacanagem! O negócio agora é a realidade,

¹⁵ Vale lembrar que no ano de 2007, o Canal Brasil – canal de televisão por assinatura – passou a reprisar algumas edições do Documento Especial, e a edição “Delírio na Madrugada” fora censurada por exibir dois homens se beijando enquanto a transformista Laura de Vison apresentava-se no palco de uma boate carioca.



gente! Preparem-se para a grande viagem, é a hora do show!”. A palavra “sacanagem¹⁶”, de etimologia não definida, traz uma tese interessante (embora não confirmada): No início do século XX, as judias que vieram da Europa Central para o Brasil tornaram-se prostitutas em alguns bairros malfadados de São Paulo e Rio de Janeiro. Conhecidas como “polacas¹⁷”, elas se comunicavam no idioma ‘idiche’¹⁸ e diziam “sacana” – que em seu idioma indicava perigo – quando a polícia chegava. Assim, policiais passaram a adotar o termo “sacanagem” nos lugares em que as “polacas” estavam. Dessa forma, o termo utilizado por Laura de Vison na edição do programa pode relacionar o show da transformista com prostituição.

O uso do termo “marginal” e da exibição do beijo gay, talvez justifique os dizeres inseridos no início do programa, quando havia o aviso de que cenas fortes seriam exibidas, levando-se em conta que assuntos inerentes à homossexualidade eram incomuns na televisão brasileira, e que o preconceito com esta questão era mais latente do que é nos dias atuais, pois também era a época em que a própria mídia brasileira correlacionava a AIDS aos casais homossexuais, fazendo uma espécie de “agendamento” junto à população. Na esteira deste pensamento, Wolf (2012) esteia que a mídia possui um surpreendente poder de dizer aos receptores sobre o que pensar. Nesse raciocínio, o Documento Especial talvez agisse quebrando a homossexualidade como algo sem valor-notícia.

Em sua próxima fala, Roberto Maya diz: “*A cultura dominante costuma incorporar certos valores marginais, mas há ocasiões em que estes valores se tornam marginais demais para serem incorporados*”. Assim, após utilizar novamente o termo “marginal”, o apresentador dá a entender que o programa entranhará neste mundo “marginal” do travesti, tratado como a “realidade”. Ainda na fala da travesti, há o uso do termo “realidade”, algo que pode trazer ao telespectador a ideia de que o que será exibido não sofrerá nenhum tipo de trato por parte da edição do programa – algo que condiz com o subtítulo “Televisão Verdade”, daí talvez a exibição deste termo na edição. Perseu Abramo (2003) diz que a realidade trazida pela imprensa faz parte de uma realidade artificial, apresentada no lugar da realidade real, como uma espécie de ‘omissão’ daquilo

¹⁶ De origem duvidosa, a palavra sacanagem pode originar da palavra árabe “açaccá” que quer dizer “aguadeiro” ou da palavra japonesa “sakana”, que quer dizer “peixe”. Embora nenhuma delas explique a origem do termo sacanagem, “sacana” em hebraico indica “perigo”.

¹⁷ Polaca é o termo usado para a mulher que nasceu na Polônia, mas, nos termos chulos, tornou-se sinônimo de prostituta. Fonte: <http://www.significadodepalavras.com.br/Polaca>, acesso em 26/05/2013.

¹⁸ Idioma do subgrupo germânico, adotado por judeus da Europa Central e da Europa Oriental no segundo milênio.



que decorre; pensando nisso, talvez o Documento Especial crie um caminho inverso à omissão da realidade: talvez o programa aja em detrimento ao que o público conhece como realidade da noite carioca – bares, bebidas, mulheres e prostituição – para apresentar algo que ocorre em paralelo à realidade (re) tratada nos demais programas de gênero semelhante.

6.6.3 Sentido: verdade

Com o propósito de ressaltar esta imagem de realidade, a edição apresentou, também, um outro lado da vida de Laura de Vison: o professor Norberto Chucri David. Para isto, é apresentado um discurso que encontra no paradoxo e na metáfora ligada a um conto de fadas, a forma de lançar as duas faces do travesti: *“Como uma Cinderela da marginália carioca, todo o encanto se desfaz na segunda-feira: é quando o travesti Laura de Vison se transforma no professor Norberto Chucri David. Entra em cena um conceituado professor de história do Brasil para adolescentes de 13 a 16 anos”*. Após este trecho, é apresentado cenas do professor em aulas, conversando com os alunos, e Laura de Vison – assim caracterizada – conversando com o público de seu show. No conto de 1697, escrito por Charles Perrault, Cinderela consegue, graças ao seu grande desejo, que uma fada-madrinha a auxilie a ficar bonita para o príncipe, mas a mágica se desfaz à meia-noite. No ano de exibição do programa, os contos de fadas tomavam um espaço maior no imaginário da sociedade se comparado aos dias atuais, pois, de acordo com Castells (1999) a baixa definição dos televisores – peculiares ao ano de 1989 – faz com que os telespectadores acabassem preenchendo esse espaço não-definido na imagem, o que aumentaria seu envolvimento emocional com o programa. Em uma relação direta entre a história da Cinderela com o termo “conceituado professor”, entendemos que há uma antinomia entre o trabalho de Laura, como transformista, e o trabalho de Norberto, como professor de história, deixando entrever que o conto de fadas vivido à noite é quebrado pela manhã, quando o protagonista ‘perde’ a mágica da fada para ensinar jovens.

Desta forma, o conteúdo imagético e textual exibido entrará em consonância com o pensamento de Charaudeau (2012) quando este coloca que o que temos como visível do mundo é apenas algo invisível e intocável, que acaba sendo construído com requintes de espetacularização e do que a nossa memória irá projetar sobre este espetáculo. Em outras palavras, o telespectador que acompanhou a edição “Delírio na Madrugada”, pode ter se sentido próximo ao show do travesti Laura de Vison; sentiu-se como se este



“espetáculo” estivesse próximo a si, bastando ele sair de casa para ter contato com a performance do travesti, justamente por ter sentido o efeito de verdade construído no discurso do programa.

7 – Considerações Finais

Se a verdade construída no programa percorre as diferentes formas de discurso da atração, entendemos que esta se deu ao encontro a um ensejo de apresentação da ‘realidade’, não aos elementos integrantes do “espetáculo midiático” inerente aos programas jornalísticos atuais. Ideologicamente, percebemos que o programa trazia um discurso que denotava estereotipizações aos ‘atores sociais’ envolvidos nas edições, além de representá-los sob as lentes da sociedade – através de uma ‘realidade’ construída com um discurso ora objetivo, ora subjetivo.

No jornalismo hodierno, torna-se cada vez mais difícil fazer a distinção entre a realidade construída a partir de uma vontade do produto em relatar um fato ocorrido – mesmo que esta retratação se dê sob alguns elementos do espetáculo – e a realidade construída através da “espetacularização” criada em fatos do cotidiano que inferem na vida da sociedade. Se os padrões de manipulação são perceptíveis em grande parte dos produtos jornalísticos modernos, depreendemos que a ‘verdade’ imposta por estes, passa por valores que inferem no discurso objetivo do jornalismo, provando que não há uma concretude neste, senão um recorte representativo e idiossincrático da realidade.

Assim, compreendemos que o Documento Especial procurou fugir ao ‘agendamento’ intrínseco aos programas televisivos da época, optando por exibir uma realidade construída a partir de elementos que envolvessem uma ‘cultura’ até então não retratada em outras atrações de gênero semelhante, e que não possuíam noticiabilidade para estes outros programas. Em seu discurso, o programa utilizava temas polêmicos e elementos textuais impregnados de efeitos de sentido que eram apresentados como verdade para sua audiência, considerando as marcas de subjetividade na enunciação, posições ideológicas presentes e uma forma de fazer jornalismo bem peculiar.

Contemporaneamente, avaliamos que o jornalismo busca construir uma realidade calcada em elementos da “sociedade do espetáculo” que valoram os fatos ocorridos e buscam criar uma verdade a partir de tais estratégias. Na dualidade entre realidade X ficção e ‘espetáculo’ X ‘verdade’, ponderamos que o caminho trilhado pelo fazer jornalístico pode estar seguindo um rumo que o deixará fadado a criar uma realidade ilusória baseada na ficção entrelaçada aos elementos do espetáculo; talvez, de certo modo,



se observamos alguns delírios em “Delírios da madrugada”, podemos ter alguns delírios no jornalismo, que no afã de informar termina pulverizando tóxicos que ao invés de saciar, tendem a manipular, espetacularizar e reificar a própria realidade enunciada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

FEDERICO, M. E. B. **História da comunicação: rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988

MARCONDES FILHO, C. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

SILVA, Marconi Oliveira da. **Imagem e verdade: jornalismo, linguagem e realidade**. São Paulo: Annablume, 2006.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.